



BAZARES DE ROUPAS: ESPAÇOS PARA SE PENSAR O DESENVOLVIMENTO

Clothing bazaars: spaces for thinking about development

Ferreira, Sabrina Moraes; mestrandia; Universidade Federal de Itajubá,
ferreiramsabrina@gmail.com¹

Pimenta, Carlos Alberto Máximo; doutor; Universidade Federal de Itajubá,
carlospimenta@unifei.edu.br²

Alves, Thabata Caroline Ferraz; graduada; Universidade Federal de Alfenas,
taah.ferraz@gmail.com³

Resumo: O artigo trata do conceito de desenvolvimento frente ao percurso das roupas e a necessidade de superarmos a banalização no seu consumo. Para isso, objetiva-se compreender o papel dos bazares presentes no Aterrado, bairro de Pouso Alegre, Sul de Minas Gerais.

Palavras-chave: bazares; consumo; desenvolvimento.

Abstract: The article deals with the concept of development regarding clothes and the need to overcome banalization in their consumption. For this, the objective of the paper is the bazaars present in the Aterrado, Pouso Alegre neighborhood, south of Minas Gerais.

Keywords: bazaars; consumption; development.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (PPG DTecS) da UNIFEI - Bolsista FAPEMIG. Integrante do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Desenvolvimento (NEID). Bacharel em Design de Moda - Habilitação em Modelagem pelo Centro Universitário Senac (2013).

² Professor Associado na UNIFEI. Graduado em Ciências Jurídicas pela UNITAU (1990), mestrado (1995) e doutorado (2001) em Ciências Sociais pela PUC/SP. Coordena o NEID e participa do PPG DTecS. Trabalha em projetos financiados pelos Processos: FAPEMIG - CSA APQ 02967-14 e PPM-00548-16 - Programa Pesquisador Mineiro.

³ Bacharel em Ciências Sociais pela UNIFAL-MG. Integra o grupo de pesquisa Sociedade e Cultura Contemporâneas na mesma instituição. cursou disciplinas no PPG em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas como Aluna Especial.



Introdução

Ao caminhar pelo Aterrado, bairro de Pouso Alegre, Sul de Minas Gerais, bazares de roupas usadas destacam-se no trajeto. São consideráveis espaços para comercialização de produtos que um dia despertaram desejos e agora são vendidos no comércio popular em um bairro demarcado pelo estigma da precariedade.

Sob esse pano de fundo, buscamos tencionar o conceito de desenvolvimento, frente ao percurso das roupas, e a necessidade de superarmos a banalização no seu consumo. *A priori* entende-se que, doar e revender produtos usados de maneira isolada não resolve a questão macro, ao contrário, pode agravar e mascarar realidades sobre o destino dos mesmos.

Entretanto, no âmbito local, o bazar passa a ser alternativa para a ressignificação das roupas em desuso. Daí pergunta-se: os bazares podem ser considerados como um meio de acesso ao consumo consciente e de geração de renda?

Para isso, objetiva-se compreender o papel dos bazares presentes no Aterrado.

A metodologia é composta por um mapeamento de alguns dos bazares do bairro, seguido de entrevistas semiestruturadas com quem oferta e consome nesses espaços, para uma posterior análise qualitativa de caráter interdisciplinar.

O texto apresentará a contextualização do lugar, o bairro Aterrado; a caracterização e a problemática dos bazares locais; o conceito de desenvolvimento local e sustentável; um panorama sobre o percurso das roupas em desuso, além das considerações finais.

Essa pesquisa ocorre a partir do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Desenvolvimento (NEID) do Programa de Pós-graduação em



Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (DTecS) da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), mais especificamente compondo o Observatório de Desenvolvimento e Cultura, que a partir das experiências do saber-fazer local, analisa suas possibilidades de geração de renda e identifica demandas sociais e coletivas por políticas públicas e políticas culturais.

Contextualização do lugar: o bairro Aterrado

I. Estigma da precariedade

Ao retomarmos o processo histórico de urbanização de Pouso Alegre, podemos notar como o discurso do desenvolvimento sempre esteve presente nesta cidade média do Sul de Minas Gerais. Há uma representatividade da mesma na rede urbana regional, principalmente por conta de seu sistema de transportes rodoviários que favoreceram a diversificação econômica, e seu crescimento populacional (ANDRADE, 2014).

O centro da cidade corresponde ao aglomerado de comércios e serviços diversos, em que o mercado de vestuário, calçados e acessórios de moda se mantém e atende toda a microrregião. Na área específica da Avenida Vereador Antônio da Costa Rios, já pertencente ao bairro Aterrado, há um trânsito considerável de veículos, o que acarretou, entre outras causas, na presença de comércios e serviços (FARIA, 2008). É nesse local que se concentram os bazares de roupas referentes a essa pesquisa.

O bairro, oficialmente denominado “São Geraldo”, em seu início era registrado como “Aterrado” - muitas vezes sendo referido assim popularmente; por ser uma região de várzea que passou por muitos processos de aterros e enchentes (BARBOSA, 2015).

Ainda assim, diante do fluxo privilegiado, existem distinções pontuadas no próprio bairro, não só em relação à cidade, mas também em seu interior



onde as subalternidades são latentes, e em sua via principal mantém-se a aparência do progresso (FARIA, 2008).

II. Dinâmicas espontâneas

Ao mesmo tempo, na mesma medida em que o bairro cresce, resistem dinâmicas espontâneas, acarretando numa manutenção da cultura local. Quando se monta um pequeno negócio no interior do bairro, até mesmo um brechó, serviços de corte e costura, ou venda de artesanatos, por mais improvisado que seja, há uma conseqüente resistência e fortalecimento das resoluções locais, autogestionadas, justamente por não poderem contar com o regulamento e apoio da ordem pública.

Com isso, o emprego do termo cultura aqui, permite a coexistência de múltiplas formas de expressões, como afirma Raymond Williams (2015), uma cultura pode ser tanto tradicional, quanto criativa, com significados comuns e individuais em um mesmo tempo e espaço. O indivíduo ao assimilar todo esse conjunto está apto ao trabalho, à observação e a comunicação, do mesmo modo que poderá ressignificá-los a partir de suas experiências (WILLIAMS, 2015).

A existência da condição humana e seus valores culturais são indissociáveis. Ao articular cultura e desenvolvimento, torna-se possível dinamizar a manifestação cultural visando a produção de trabalho e renda (BARROS; JÚNIOR, 2011).

Nesse sentido, a noção incorporada de cultura enquanto modo de vida coincide com a concepção de moda. É também, a partir da moda e da indumentária que nos formamos como seres sociais e culturais (CIDREIRA, 2010). Ainda segundo Cidreira (2010), se nos atentarmos a relação entre o indivíduo e a sociedade, percebemos que a moda, sob o aspecto da vestimenta, é capaz de revelar símbolos e gerar cultura .



Assim, o recorte a respeito da experiência de consumo no bairro Aterrado, mais especificamente em bazares de roupas usadas, como forma de se pensar o desenvolvimento é condizente com o reconhecimento da cultura local.

Bazares de roupas locais: caracterização e problemática

Organizados em uma lógica própria, que certamente difere do mercado de moda convencional, os bazares de roupas usadas acabam propiciando o consumo de maneira semelhante ao mesmo no que tange ao desejo pelo produto e no produto em si, sua estética, qualidade e utilidade.

Os bazares presentes no Aterrado têm alguns pontos em comum. Para além da localização, são vinculados à instituições religiosas e à suas ações assistenciais bem como têm produtos advindos de doações, em quantidade considerável.

Sobre os produtos que chegam até esses espaços, são basicamente roupas, calçados e acessórios; incluem-se todos os tipos, sem distinção de gênero, marca, tamanho ou qualquer outra característica. Isso porque, se aceita o que é doado e percebe-se que, sempre existe quem queira cada um dos itens, que quando não são vendidos, são doados como matéria-prima de trabalhos artesanais.

O perfil das consumidoras e consumidores frequentes nos bazares mostra-se diversificado, mas o que ficou evidente nas falas dos entrevistados é a atração pelos preços baixos, sendo possível traçar a partir disso uma reflexão sobre acesso à bens de consumo. Optar por produtos usados, principalmente as roupas, por vezes, pode não ser uma escolha e sim a única forma de acesso a esse tipo de produto.



Tal acesso deve suprir a utilidade da vestimenta, mas também o desejo pelo consumo de produtos pertencentes à moda, ainda que de forma tardia. Há uma busca das pessoas por significados (CIDREIRA, 2006 *apud* CAMPOS; RECH, 2010).

I. O bazar “Centro de Assistência Pastoral”

No caso dessa pesquisa, de caráter ensaístico, elegeu-se o bazar “Centro de Assistência Pastoral”, que pertence à unidade da Igreja Católica local - “São Geraldo Magela”, uma iniciativa que existe a cerca de nove anos, sendo os últimos três anos no formato atual.

O lucro arrecadado, segundo Maria Isabel Pereira, que é responsável pela gestão do bazar e o atendimento aos clientes é fomentar ações da Pastoral da Criança, que presta assistência a partir da distribuição de roupas, mantimentos e remédios aos moradores do bairro. Como o horário de funcionamento é comercial, de segunda-feira à sábado, o Centro mantém essa funcionária formalizada.

No que se refere a apresentação dos produtos, nas figuras 1 e 2, é possível visualizar parte do galpão que abriga o bazar, nele encontram-se manequins expondo peças de melhor qualidade e mais caras, araras com peças medianas, e ao fundo “caixas” em madeira, cheias de roupas soltas e bagunçadas, porém, separadas por categorias e preços.

Figuras 1 e 2: Bazar “Centro de Assistência Pastoral”.





Fonte: Thabata Ferraz, 2018.

Isabel, como é conhecida, afirma que o público que costuma comprar no bazar é diverso, mulheres e homens em uma ampla faixa etária. Segundo ela, a maioria vai em busca de itens para uso próprio e da família, e em último caso para revender. Há também, certa fidelidade do público, tanto das pessoas que residem no bairro Aterrado, quanto de pessoas oriundas de bairros mais distantes. O que vai ao encontro das respostas obtidas pelos entrevistados, que em sua maioria, afirmaram passar por ali toda semana.

Quando questionamos a respeito da disposição de quem consome, em reformar e/ou customizar as peças, no intuito de identificar uma possível resistência do saber-fazer da costura no local, tanto Isabel, quanto as pessoas entrevistadas durante suas compras, disseram que, têm o hábito de provar as peças antes de comprarem e priorizarem produtos já adequados a elas e prontos para serem utilizados. Percebemos aí um comportamento parecido com o de um consumidor de produtos novos, que quer um produto pronto para vestir.

Outro relato curioso apareceu na fala de Isabel, ela nos contou que algumas das pessoas, compram quase diariamente peças de roupas do bazar, assim o fazem porque, devido à ausência de uma máquina de lavar em casa, somada a falta de tempo, ocasionada pelas longas jornadas de trabalho e a falta de alguém quem possam dividir as tarefas domésticas, optam por algo mais barato que possa ser descartado sem muito pesar. Naturaliza-se assim, o descarte das roupas.

Com isso, o ato de compra nos bazares revela a convivência contraditória do aumento do ciclo de vida da roupa, ao comprá-la de “segunda mão”, e ao mesmo tempo uma despreocupação, em muito justificada pela necessidade, com o seu descarte. Dessa complexidade emerge reflexões

7



sobre como exigir, ou melhor, esperar, escolhas diferentes e preocupações com o destino do descarte, de uma parcela da sociedade que não têm acesso ao básico, em termos bens de consumo. Se não há dignidade nas escolhas, como julgá-las?

Conceito de desenvolvimento local e sustentável

Posicionar o conceito de desenvolvimento a que se refere esse texto se faz necessário. A abordagem trata do desenvolvimento local, de acordo com a escala do Aterrado, enquanto bairro com suas demandas específicas. Mais amplamente, o desenvolvimento sustentável em que é possível seguir pelo viés da moda, associando o *locus* de pesquisa dos bazares como parte, mesmo que paralela dessa temática.

Entende-se que, o desenvolvimento pressupõe para além das questões econômicas as dimensões ambientais, sociais, territoriais (distribuição espacial) e políticas (governança democrática). Pois, o crescimento não é o objetivo em si mesmo, se o fosse seria insuficiente para alcançar a meta de uma vida melhor (SACHS, 2004).

No bairro Aterrado, se nos atermos à Dowbor (2016), podemos questionar sobre a recuperação do exercício da cidadania por seus moradores, partindo do pressuposto da localidade como um espaço fértil de revalorização e transformação (DOWBOR, 2016).

É possível somar essa visão geral a ideia do desenvolvimento como incluindo a pertinência das estratégias sociais, de sobrevivência e de geração de renda, como afirma Pimenta (2014). Diante disso, percebe-se um campo de possibilidades que reconheçam as dimensões objetivas e subjetivas do consumo, que não é diferente do bairro Aterrado, inclusive como forma de consciência cidadã.



A partir desse contexto, como diz Azevedo et al. (2014) existe a necessidade de mudanças culturais, econômicas e políticas que dê novas direções as atividades de produção e consumo, para que os valores defasados, que partem da escassez, sejam superados (AZEVEDO et al., 2014).

Panorama geral sobre o percurso das roupas em desuso

O consumo exacerbado de roupas é consequência do chamado *fast fashion*, que encurta o “tempo de vida” de um produto, acarretando na diminuição de seu valor para o consumidor. Para Lipovetsky citado por Azevedo et al., “a lógica econômica vigente afastou o ideal de permanência, imperando agora a regra do efêmero na produção e no consumo dos objetos” (LIPOVETSKY, 2009 apud Azevedo et al. 2014, p. 8).

As toneladas de roupas descartadas nos lixos anualmente, os resíduos químicos que elas depositam nos aterros e que contaminam as águas subterrâneas contaminando populações, além da presença do trabalho análogo ao escravo como uma das principais fontes de mão-de-obra da indústria têxtil e da moda, são parte dos desafios desse sistema (BROWN, 2010 apud AZEVEDO et al., 2014).

Segundo Schulte e Rosa (2010), citados por Azevedo et al., as roupas estão sendo desvalorizadas e conseqüentemente descartadas mais rapidamente por conta da necessidade criada a partir de tendências, impostas pelo mundo da moda. Entretanto, como pudemos ver nossa pesquisa com o público consumidor do bazar do Aterrado, o descarte das peças extrapola tal motivo, dependendo da realidade social que se observa.

Nesse sentido, se um dos principais desafios para a sustentabilidade na moda, é a aceleração e rapidez da mesma e de sua produção, outro desafio certamente está na esfera do consumo, do uso e do descarte de produtos.

9



Conforme afirma Berlim (2012) citado por Azevedo et al, se queremos um futuro mais sustentável na moda, devemos refletir sobre como nos vestimos, como compramos, o que compramos e porque compramos.

Considerações Finais

O cenário, com seu estigma da precariedade, que parte de um modelo um tanto quanto excludente, acaba por desperdiçar experiências e simbologias, no caso do bairro Aterrado. Em outros termos, questões como os saberes e fazeres populares, acumulados por gerações, poderiam contribuir para um desenvolvimento local mais coerente e identitário para a comunidade.

A existência dos bazares de roupas no Aterrado abre brechas para articulações. Seria o caso, por exemplo, de valorizar a presença de costureiras e costureiros moradores do bairro, que em diálogo com os bazares e conseqüentemente sua clientela, poderiam qualificar de maneira criativa e significativa o consumo dos produtos, que, aliás, ampliaria a autonomia de quem veste para expressar-se esteticamente e ainda fomentar a geração de renda local ao incluir mais um serviço nessa rede. Um exercício que, supera o assistencialismo e propõe saídas mais diversificadas e articuladas.

Considerar os bazares como espaços para se pensar o desenvolvimento é fazer uma analogia a eles, como práticas que visam sim o lucro, mas fogem da lógica ordenada do mercado, indicando um desenvolvimento que supera o econômico.

Referências

ANDRADE, Alexandre Carvalho de. **Pouso Alegre (MG): expansão urbana e dinâmicas socioespaciais em uma cidade média** - Rio Claro, 2014. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Orientador: Enéas Rente Ferreira.





AZAVEDO, Paola Zambon; GIULIANO, Carla Panjota; MOURA, Heloísa Tavares de. **Traçando Relações: moda, sustentabilidade e consumo consciente.** 10º Colóquio de Moda - 7ª Edição Internacional - Anais, 2014.

BARBOSA, André Silva. **São Geraldo: (A)Terrado de Sentidos.** / André Silva Barbosa – Pouso Alegre: UNIVAS, 2015. 117p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Sapucaí, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2011.

BARROS, José Márcio; JÚNIOR, José Oliveira - organizadores. **Pensar e agir com a cultura: desafios da gestão cultural** / – Belo Horizonte: Observatório da Diversidade Cultural, 2011. 156p.

CAMPOS, Amanda Queiroz; RECH, Sandra Regina. **Considerações sobre moda, tendências e consumo.** IARA: Revista de Moda, Cultura e Arte - São Paulo - V.3 N°3 dez. 2010 - Dossiê, p.170 - 198.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **A moda como expressão cultural e pessoal.** IARA: Revista de Moda, Cultura e Arte - São Paulo - V.3 N°3 dez. 2010 - Dossiê, p.227 - 244.

DOWBOR, Ladislau. **O que é poder local.** Imperatriz, MA: Ética, 2016.

FARIA, Rivaldo Mauro de. **Território urbano e o processo saúde-doença : perfil territorial da saúde no São Geraldo em Pouso Alegre - MG** / Rivaldo Mauro de Faria. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008. Orientador: Arlêude Bortolozzi. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado.** Rio de Janeiro, Garamond. 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Recursos da esperança.** São Paulo: Editora UNESP, 2015.

